

# TEORIAS E PRÁTICAS DA LEITURA

Prof. Thiago Mio Salla

# **Ambiência textual e produção de sentido: suportes e paratextos**

# Epígrafes

Os textos não existiriam fora dos suportes materiais por meio dos quais foram veiculados, pois a construção de seus significados estaria diretamente ligada às formas que permitiriam sua leitura, audição ou visão. [...] De modo durável – e paradoxalmente – a história do livro separa o estudo das condições técnicas e materiais de produção ou de difusão dos objetos impressos e a dos textos que eles transmitem, considerados como entidades cujas diferentes formas não alteram a estabilidade linguística e semântica.

(CHARTIER, Roger. “A mediação editorial”. In: *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 62)

# Epígrafes

O princípio que desejo sugerir como básico é simplesmente esse: bibliografia é a disciplina que estuda textos enquanto formas registradas, e os processos de sua transmissão, incluindo sua produção e recepção. Assim colocado, não parece muito surpreendente. O que a palavra “texto” também permite, no entanto, é a extensão das práticas atuais de modo a incluir todas as formas de texto, não somente livros ou os signos em pedaços de pergaminho ou papel [...]. Francamente, também aceita que bibliógrafos devam se preocupar em demonstrar que as formas afetam o significado. Além disso, permite que descrevamos não apenas os processos técnicos, mas também os processos sociais de sua transmissão. Dessas maneiras tão específicas, considera textos que não estão em livros, suas formas físicas, versões textuais, transmissão técnica, controle institucional, a percepção de seus significados e seus efeitos sociais.

(MCKENZIE, Donald. “O Livro como uma Forma Expressiva”. In: *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. São Paulo: Edusp. 2018, pp. 25-26)

## Paratexto

Como leríamos o *Ulisses* de Joyce se não se intitulasse *Ulisses*?

A obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação. Contudo, este texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no

# Paratexto

mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. Esse acompanhamento, de extensão e condutas variáveis, constitui (...) o paratexto da obra. (...) Assim, para nós, o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e mais de maneira mais geral ao público. (...) Zona indecisa entre o dentro e o fora, sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto) nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto), orla, ou, como dizia Philippe Lejeune, ‘franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura’”. (GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Cotia, SP: Ateliê, 2009, p. 9).

# Paratexto

## Peritexto (aquém) e epitexto (além)

Consideram-se como paratextuais todos os elementos que fazem parte de um texto ou de uma obra — o título, o prefácio, a dedicatória, os nomes dos capítulos... —, assim como os que foram construídos sobre esse texto, explicando-o, analisando-o, comentando-o (como, por exemplo, comentários, entrevistas, notícias, críticas). Trata-se, portanto, de duas modalidades/categorias paratextuais: o peritexto (no espaço físico da obra) e o epitexto (exterior à obra, mas sobre ela), segundo Gérard Genette (GENETTE, Gérard. *op. cit.*, p. 12).

# *Memórias de um Sargento de Milícias*

## **Texto publicado em dois suportes diferentes:**

- 1) A seção Pacotilha do jornal *Correio Mercantil* (1852-1853), como um romance-folhetim
- 2) Edição do texto em livro (1854)
- 3) Edição póstuma promovida por Quintino Bocaiúva (1863)

## *Memórias de um Sargento de Milícias*

***Correio Mercantil***: maior concorrente do *Jornal do Commercio*: em meados da década de 1840 contava com 2700 assinaturas.

Ênfase na parte recreativa: de 1851 a 1854, aos domingos, publicação de uma seção humorística, intitulada “**Pacotilha**”. Abertura para o folhetim.

Entre 27 de junho de 1852 e 31 de julho de 1853, publicação em folhetim de ***Memórias de um Sargento de Milícias***, de Manuel Antônio de Almeida.



continuar depois com a nossa tarefa semanal, como agora já vamos fazer, dando principio á publicação de uma historia que não deixa de ser longa, por ter tido o seu principio no tempo do rei, e acabar no em que nos achamos. O titulo da obra é este:

## MEMÓRIAS

DE

### UM SARGENTO DE MILÍCIAS.

#### CAPITULO I.

##### ORIGEM, NASCIMENTO E BAPTISADO.

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formão as ruas do Ouvidor e Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo—O canto dos meirinhos—, e bem lhe assentava o nome, porque era ali o *rendez-vous* favorito de todos os que formavão essa classe, que gozava então de não pequena consideração. Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses erão gente temivel e temida, respeitavel e respeitada; erão um dos extremos dessa formidavel cadeia judiciaria que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a *demanda* era entre nós um elemento de vida; o extremo opposto erão os desembargadores. Ora, os extremos se toçã, e estes, tocando-se, fechavão o circulo dentro do qual se passavão os terriveis combates das citações, provarás, razões principaes e finais, e toda essa machina de tregeito judiciarias que se chama *processo*. Dahi sua influencia moral; mas tinham ainda outra influencia, que é justamente o que falta

patria. Foi nas saudades da terra natal que elle achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom portuguez que o era elle. A modinha era assim:

Quando estava em minha terra

Acompanhado sózinho,

Cantaba de noite e de dia

Ao pé d'um copo de vinho!

Foi executada com attenção e applaudida com enthusiasmo; sómente quem não pareceu gostar foi o pequeno, que brindou o pai no canto como brindára ao padrinho na rabeira, marcando-lhes o compasso a guinchos e esperneios. A' Maria avermelhárão-se-lhe os olhos, e suspirou. O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus ás ceremonias. Tudo dahi em diante foi borborinho, que depressa passou á gritaria, e ainda mais depressa á algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando vião-se pa-sar através das rotulas da porta e janellas umas certas figuras que denunciavão que o Vidigal andava perto.

Quando mais adiante tivermos de tratar desta personagem, os que ainda o não conhecem fica-lo-hão conhecendo.

Saiha agora o leitor, que ainda o não adivinhou, que o pequeno nascido é a personagem que dá objecto a estas memorias. No seguinte capitulo diremos alguma coisa sobre sua infancia.

— Do pão-de-ló do nosso compadre grande fatia a nosso a'lhado. A camara, como ninguem, comprehende bem a importancia deste adagio, e o executa mais generosamente. As rendas publicas (graças á pouta creada pelos honens cuja opinão politica está fóra do poder) avultão; e como se o p. iz não tivesse empenhos a cumprir, necessidades a satisfazer para preparar-lhe um futuro a que é destinado pela sua

temnidades que me pode comunicar a palavra de um ministro da corda. O Sr Zacharias de Góes, ministro da marinha, serviu-se della na camara na discussão da proposta de forças de mar, e aliançou-nos que não se podia prescindir, segundo a opinião de sabios escriptores que leu, do chicote, azorrague ou bacalhão (expressões de S. Ex.) em sustentação da disciplina a bordo!

Cada dia se depurão mais os estylos officiaes; mas é pena que a leitura a que se viu forçado o Sr. Zacharias com a carga que lhe impozerao aos hombros, e que teve a falta de modestia de não repelli-la, não lhe dêsse senão para estas bellezas que se compadecem perfeitamente com a dignidade do logar que occupa, o respeito devido ao parlamento e ao publico, e o systema politico que felizmente nos rege. Que feliz epoca em que vivemos! As violencias do Sr. Euzebio ficarão bem substituidas no governo pela clava de Hercules do Sr. Martins e pelo chicote do Sr. Zacharias.

Se o honrado opposicionista, o Sr. Mello Franco, não tivesse querido dar a mão ao Sr. Zacharias depois do importante discurso do digno Sr. Souza Franco, ao qual ia seguir-se o encerramento sem que S. Ex. se achasse com forças para responder, por certo que não teria o paiz de apreciar essa liberdade de linguagem de S. Ex. O epigramma do Sr. Mello Franco, pedindo á camara que adiasse a discussão para o Sr. ministro poder estudar e responder, produziu esse triste papel.

Não terminaremos os feitos da camara nesta semana sem mencionarmos a occurrencia da apresentação do processo intentado pelo Sr. Firmino, deputado por Minas, contra o Sr. Mello Franco. A constituição no art 28 ordena ao juiz que pronunciar qualquer deputado ou senador a suspensão de todo o ul-

Detalhe da seção Pacotilha do *Correio Mercantil* de 27 de junho de 1852, quando começou a ser publicado o folhetim *Memórias de um Sargento de Milícias*.

**MEMORIAS**  
DE  
**UM SARGENTO DE MILICIAS**

POR  
**UM BRASILEIRO.**

**TOMO I.**



**RIO DE JANEIRO.**

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE MAXIMIANO GOMES RIBEIRO

Rua do Sabão n. 114.

**1854.**

Capa da primeira edição, em dois tomos, das *Memórias*. Verifique-se que o trabalho é atribuído a um brasileiro.

79, 4 bis, 4 no

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

---

IX.

MEMORIAS  
DE  
UM SARGENTO DE MILICIAS.

POR  
M. A. D'ALMEIDA.



RIO DE JANEIRO.

TIPOGRAPHIA DO MARCO DO RIO DE JANEIRO  
Rua do Rosário n. 84.

1863.

Frontispício da segunda edição das *Memórias*, a primeira na qual aparece o nome do autor.

## O Folhetim no Brasil – *Memórias de um Sargento de Milícias*

Sátira e diálogo com a **imprensa humorística**

Diálogo do texto com a seção **Pacotilha** - Contexto de disputa entre liberais e conservadores. **Sátira e alegoria**

No primeiro tomo, prevalece a **pintura de cenas da vida carioca**.

No segundo tomo, vê-se que a **amarração entre os capítulos** se torna mais consequente, e os episódios passam a obedecer a uma relação de causa e efeito mais bem elaborada.

Antônio Candido > **Romance Malandro** > Leonardo como o primeiro grande malandro a entrar na novelística brasileira.

## Análise de casos – O alienista

Texto publicado em três suportes diferentes:

- 1) Conto publicado primeiramente em *A Estação – Jornal Ilustrado para a Família.*, entre outubro de 1881 e março de 1882.
- 2) Edição em livro por parte do autor na obra *Papéis Avulsos* (Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882).
- 3) A edição da novela em volume separado.

Penso que ha, e eis a minha opinião a esse respeito. Como já disse, a severidade do clima exige uma grande temperança; ora, o brasileiro é eminentemente sobrio, e além disso respeita em geral as leis da hygiene publica e da hygiene privada. Demais, nesse periodo do anno, evita o mais que lhe é possível a moradia na cidade velha e é ainda Botafogo que lhe serve de refugio. A epidemia, effectivamente, é menos rigorosa ali e pode-se dizer que esse arrabalde fica isempto da enfermidade.

E, ao contrario, o que vemos na cidade velha, e principalmente na visinhança do porto? E' ali que ficam o mercado, e os caes de desembarque das mercadorias, os armazens de viveres. E' ali que se *accumulam* em casas insalubres os numerosos trabalhadores estrangeiros, especialmente portuguezes, que veem para o Rio de Janeiro com a mira no ganho. Esses desgraçados, torturados pelo demonio do ganho, desprezam as mais elementares prescripções da hygiene. O seu regimem e o mais vicioso e é exclusivamente entre elles que se encontram os bebedores de alcool.

Accrescentae a isso que a cidade foi construida de um modo deploravel; que em certos logares ha absoluta falta de esgotos; que um dos meios de se verem livres de uma latrina consiste simplesmente em encher-a e abandonal-a! Que admira pois que seja ali que a epidemia exerça principalmente a sua devastação e appareça todas as vezes que as condições climaterias se prestam? Similhante estado de cousas, em nossas cidades européas, geraria immediatamente, não o vomito-negro, mas certamente uma molestia do mesmo genero, o typho ou qualquer outra.

(*Continúa*)

DR. CH. CORBISIER,

## LITTERATURA

### O ALIENISTA

I

DE COMO ITAGUAHY GANHOU UMA CASA DE ORATES.

As chronicas da villa de Itaguahy dizem que em tempos remotos vivera alli um certo medico, o

Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos medicos do Brazil, de Portugal e das Hespanhas. Estudára em Coimbra e Padua. Aos trinta e quatro annos regressou ao Brazil, não podendo el-rei alcançar d'elle que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negocios da monarchia.

— A sciencia, disse elle a Sua Magestade, é o meu emprego unico; Itaguahy é o meu universo.

Dito isto, mettu-se em Itaguahy, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da sciencia, alterando os livros com as molestias, e demonstrando os theoremas com cataplasmas. Aos quarenta annos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco annos, viuva de um juiz de fóra, e não bonita nem sympathica. Um dos tios d'elle, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lh'o. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições physiologicas e anatomicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excel-

Primeira parte de “O Alienista” publicada em 15 de outubro de 1881, em *A Estação*.

1)

Penso que ha, e ha a minha opinião a ser exposta. Como já disse, a necessidade do clima temperado, grande temperatura, etc., e humidade é essencialmente salubre, e ainda mais respecta ao geral ao lado da hygiene publica e da hygiene privada. Demais, mesmo periodo de tempo, creio e sinto que ha a possivel a insuportabilidade do calor e a minha hesitação que ha sobre de religio, a epidemia, effluvia, etc., e mesmo a minha opinião ali e posso dizer que não irrevocabile sou inimigo da eufemologia.

E, ao contrario, e que tanto na cidade velha, e principalmente na vizinhança do porto? E ali que ha a necessidade, e a necessidade de descomparto das macellerias, os armazens de riveiros. E ali que se encontram os rios. Insalubres se encontram as habitações antigas, especialmente portuguezas, que vivem para o Rio de Janeiro com a mata ao lado. Eves desagradavel, torreadas pela demora do grãos, deprimem as mais elevadas prescripções da hygiene. E, sem regimen e a mata rivas e a exclusivamente entre elles que se encontram as habitações de almas.

Accessorias a isto que a cidade foi construida de um modo deploravel; que em certos lugares ha a habitação de riveiros que com sua mata de arvorens livres de uma habitação, passando simplesmente em umidade, e a habitação? Que a minha opinião que seja ali que a epidemia sempre principalmente a sua descomparto e a epidemia ha de tempo que as condições climatologicas se mantem? Humilhando estado de ventos, em tempo de calor sempre guerra immediatamente, não a necessidade, não certamente uma insalubridade de mesmo genero, e hygie no qualquer cidade.

(Continúa)

Dr. C. C. COSTA

LITTERATURA  
O ALIENISTA

DE COMO SE TRAZEM A LINGUA DO COM DO MUNDO.

De alienação da villa de Nagasaki dizem que em tempo remota vivia ali um certo medico, e

Dr. Simão Baccanari, fillo da nobreza da terra e o maior dos medicos do Brasil, do Portugal e das Hespanhas, estudou em Coimbra e Palma. Ao trinta e quatro annos regressou ao Brasil, não p'outra coisa aliamar delle que se nos em Coimbra, regrediu a universidade, em um libro, expozendo os progressos da medicina.

— A sciencia, disse elle a Jua, Bapostola, é o meu emprego unico; Nagasaki é o meu habitat.

Deu logo, retirando-se em Nagasaki, a entragencia do corpo e alma ao estado da sciencia, alterando-se pouco a pouco de medicina, e demonstrando os theozemas com exactidão. Ao quarenta annos morreu com D. Farieta da Costa e Mascarenhas, medico do tempo e da mesma villa, de um joio de fogo, e não havia mais compellido. Em seu testamento, legou de parte para o Estado e não menos de cinco mil de moedas de ouro e de dinheiro. Simão Baccanari expozendo que a Escrita tem as condições physiologicas e anatomicas de primeira ordem; depra com habilitação, devida regularmente, tinha bom palato, e exco-

Página inteira que abarca o recorte apresentado no slide anterior.



1)



N.º 19

4 15 de Outubro de 1881

V. Ann

CORR. ... 128000

LEONARDO FERRELLI  
LOMBARDI & COMP.  
LITH. DEBENEDICTO & PIZZARI

PROVINCIAS ... 111000

CRONICA DA MODA

Passa-se no momento a moda da elegancia, e a moda da elegancia...

A moda italiana, que sempre foi a mais elegante...

A moda franceza, que sempre foi a mais elegante...



...a moda da elegancia, e a moda da elegancia...

...a moda italiana, que sempre foi a mais elegante...

Capa de A Estação, de 15 de outubro de 1881.

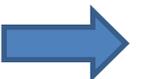
## Análise de casos – O Alienista

1)

- ❖ Sobre *A Estação* – periódico dedicado às senhoras brasileiras, fundado em 1872 por Henri Gustave Lombaerts (belga radicado no Rio de Janeiro e que exercia a função de tipógrafo)
- ❖ Colaboração de Machado de Assis ao longo de dezenove anos (de 1879 a 1898). Nele publicou *Quincas Borba* e mais de trinta contos.
- ❖ Jornal de modas parisiense – referências culturais da elite, higiene, lazer, saúde, trabalho, religião.
- ❖ Celebrização do artista nas páginas de *A Estação* – artigos anônimos, talvez do próprio Machado o elevam a condição de “figura mais saliente da literatura brasileira contemporânea”

## Análise de casos – O Alienista

- 1) ❖ “O Alienista” e a retomada do discurso da revista: prevenção contra o luxo excessivo (D. Evarista) e mordacidade pedagógica (advertência moral) em relação à absolutização dos valores preconizados pelo periódico. – as leitoras deveriam se divertir e se instruir com as ironias e denúncias do autor contra as presumíveis imperfeições da classe dominante.
- ❖ Conversão da mulher em leitora ativa e culta, capaz de participar dos debates do tempo e assim consumir mais jornal.
- ❖ Conferia à elite feminina um modo desconfiado de tratar certas questões culturais importantes do momento, com destaque para 1) Fortalecimento da medicina (que intervinha cada vez mais na vida da cidade), bem como o



## Análise de casos – O Alienista

1) conceito de hospício e sua função social; 2) Questão religiosa (a presença da Igreja no Estado Moderno) e 3) Motins regionais (a unidade política durante o segundo reinado). Os dois primeiros processos levavam a Igreja a se esforçar para não perder a supremacia no “governo espiritual” da cidade. Disputa entre estado e igreja.

❖ Alegoria modernizante: Simão Bacamarte = ciência e laicização; Padre Lopes = Igreja e obscurantismo; Revolta dos Canjicas = anárquicas rebeliões populares

❖ “Os textos do segundo Machado devem ser entendidos como afirmação do projeto liberal que então se organizava, cujo código pressupunha a denúncia dos velhos quadros de poder como também admitia a ironia contra os próprios limites” (TEIXEIRA, Ivan. *O Altar e Trono*. Cotia, SP: Ateliê, 2010, p. 72)

## Análise de casos – O Alienista

1)

Esforço por afastar “O Alienista” das páginas de *A Estação*: o autor estaria acima da frivolidade do veículo que nele publicava seus textos por simples estratégia de sobrevivência. Paralelamente, há reforço do apartamento entre Machado e seus leitores presumíveis nas páginas do periódico:

Lúcia Miguel-Pereira: “Quando afinal, se descobriu a si mesmo, não teve mais contemplações com o público. [...] Agora só se lembrava dos leitores para dar-lhes piparotes” (“Prefácio”. In: ASSIS, Machado. *Casa Velha*. São Paulo: Martins, 1944, p. 7).

Roberto Schwarz: Machado desidentificado com o próprio tempo, “escrevia para um público ainda inexistente”, como se



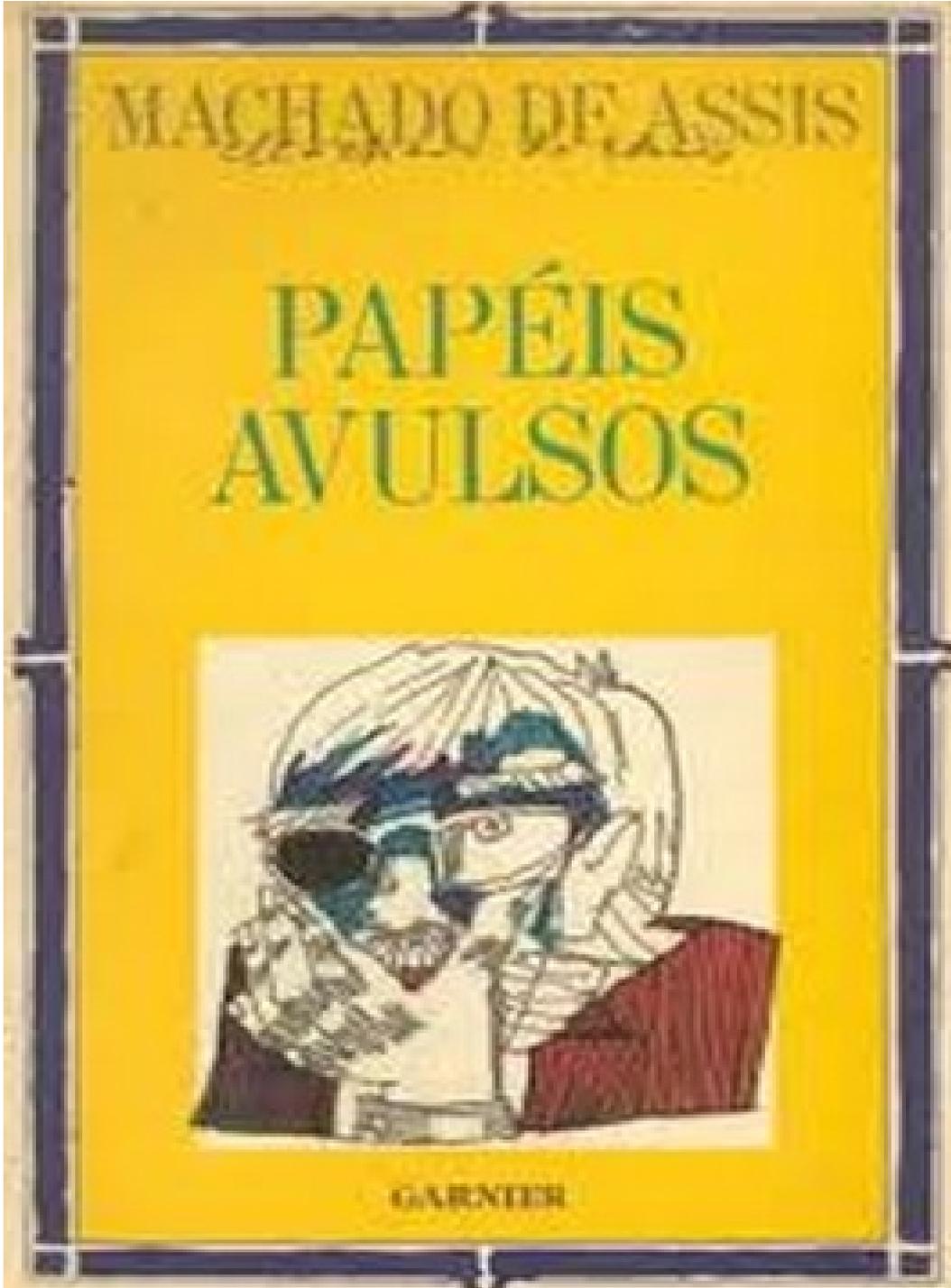
## Análise de casos – O Alienista

1)

o artista estando a frente de seus contemporâneos dialogasse com o futuro (*Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990, p. 112).

Em oposição, diz Ivan Teixeira, em relação a Machado: “Teria percebido, por exemplo, que o livro e a literatura não poderiam prescindir do jornal. Compreendeu também que a mulher não deveria permanecer à margem do debate artístico e cultural do tempo” (*Altar e o Trono*. Cotia: Ateliê; Campinas: Ed. da Unicamp, p. 68).

2)



Edição de *Papéis Avulsos* (Rio de Janeiro: Garnier, 1988), obra que tem como primeiro texto “O Alienista” e reúne entre outros contos “O Espelho”, “Teoria do Medalhão”, “Na Arca”.

## Análise de casos – O Alienista

2)

- ❖ Consolidação das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Poética da forma livre e debate de incertezas com o leitor.
- ❖ Debate de incertezas com o leitor – a personagem será espelho sem o ser; o leitor se identifica com ela sem nunca o poder admitir.
- ❖ Tradição luciânica; sátira menipeia; literatura cômico-fantástica – unidade do livro na retomada da tópica do desconcerto do mundo e na abordagem humorística e parodística do contexto brasileiro e dos discursos que compõem o tecido das relações sociais.

## Análise de casos – O Alienista

2)

- ❖ A diretriz que governa o livro pode ser resumida pelo trecho da crônica “O Punhal de Martinha”:

“Não quero mal às ficções, amo-as, acredito nelas, acho-as preferíveis às realidades; nem por isso deixo de filosofar sobre o destino das cousas tangíveis em comparação com as imagináveis. Grande sabedoria é inventar um pássaro sem asas, descrevê-lo, fazê-lo ver a todos, e acabar acreditando que não há pássaros com asas” (trecho extraído da crônica “O Punhal de Martinha”. *A Semana*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1882).

Imagem cômica da ordem absurda do homem na Terra > riso cheio de desencanto e reflexão

*Série Bom Livro*

*Machado de Assis*  
**O ALIENISTA**

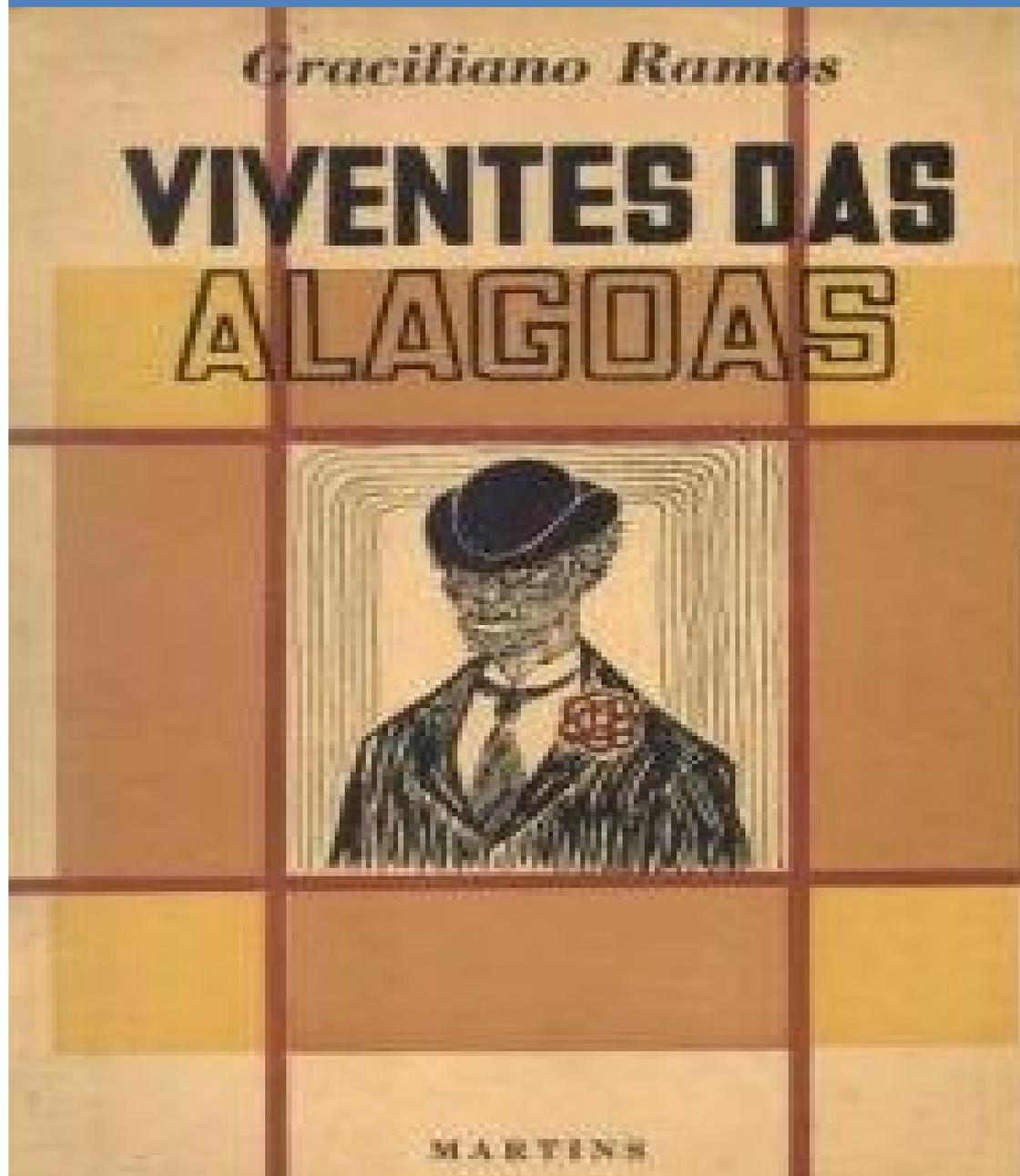


3) Capa da novela,  
publicada isoladamente  
pela editora Ática na  
década de 1990.

## Análise de casos – Quadros e costumes do Nordeste

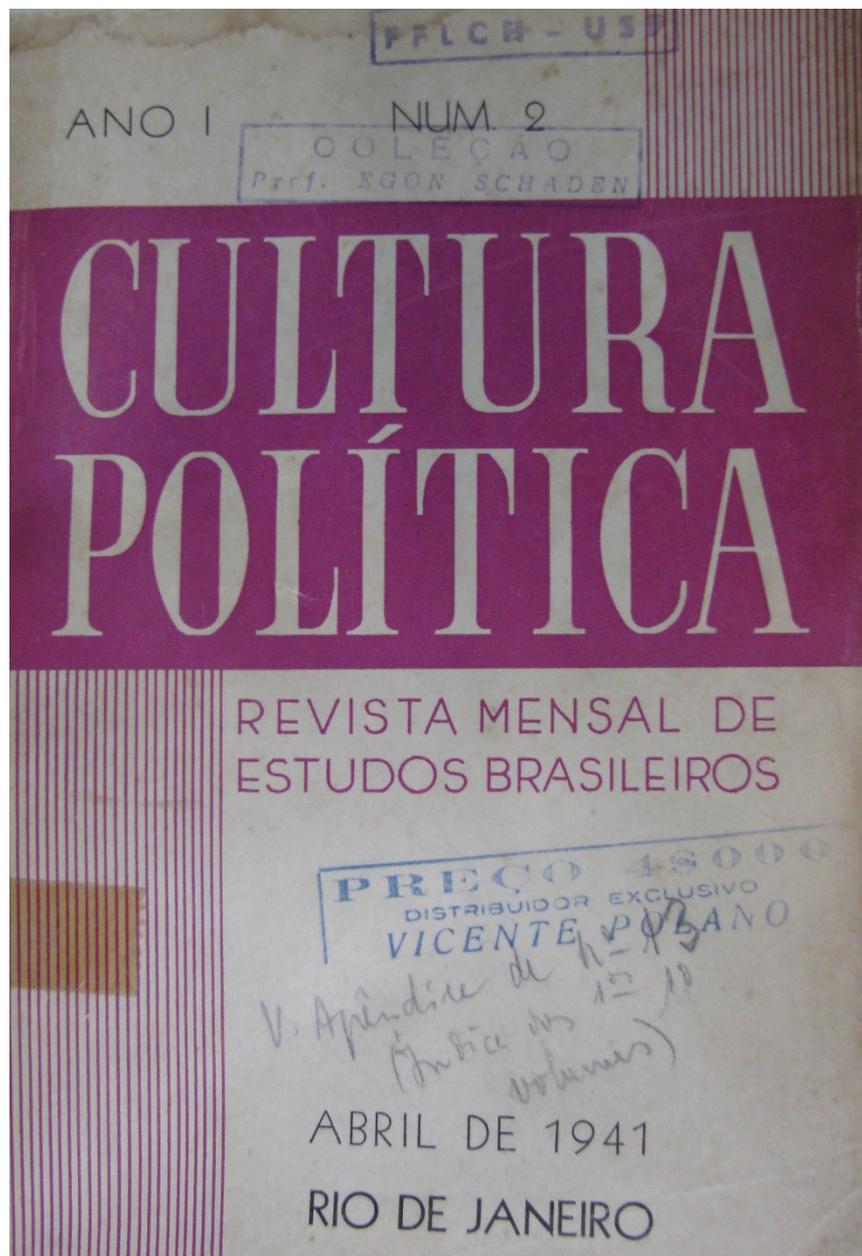
- ❖ *Graciliano Ramos e a Cultura Política: Mediação Editorial e Construção do Sentido* (Edusp, 2016);
- ❖ A significação de um texto em diferentes suportes: “Quadros e Costumes do Nordeste” em *Cultura Política* (1941-1943); *Revista do Povo – Cultura e Orientação Popular* (1946) e na obra póstuma *Viventes das Alagoas* (1962);
- ❖ Contextualização dos periódicos e da trajetória de Graciliano pela imprensa brasileira;

## Análise de casos – Quadros e costumes do Nordeste



*Viventes das Alagoas*, livro póstumo, lançado em 1962, no contexto de publicação das obras completas do escritor pela Editora Martins. Edição de Heloísa Ramos, Ricardo Ramos e James Amado, com colaboração de Aurélio Buarque de Holanda, Orígenes Lessa e Valdemar Cavalcanti. O título seria uma sugestão de Jorge Amado.

# Análise de casos – Quadros e costumes do Nordeste



Principal veículo de Doutrinação Ideológica do Estado Novo Brasileiro. Circulou de 1941 a 1945. Os volumes em geral contavam com mais de 200 páginas. Aqui têm-se o número 1, ano I, de abril de 1941, no qual Graciliano publicou crônica sobre a coronela sertaneja Maria Amália.

## Sumário deste número:

	Pág
A EVOLUÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DO BRASIL .....	5
1) <b>Problemas políticos e sociais</b>	
O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO NAS ÁREAS DA CAATINGA, por DJACIR MENEZES .....	11
O ATUAL REGIME DOS MUNICÍPIOS, por MENELICK DE CARVALHO .....	24
A POLÍTICA DO BRASIL NA AMÉRICA, por JAIME DE BARROS .....	31
EVOLUÇÃO DA POLÍTICA IMIGRATÓRIA DO BRASIL, I, por ARTUR HEHL NEIVA .....	42
O PASSADO E O PRESENTE DA QUESTÃO SOCIAL NO BRASIL, por FERNANDO CALLAGE .....	51
A INFLUÊNCIA DO PODER PESSOAL NA UNIDADE POLÍTICA DO BRASIL, I, por MONTE ARRAES .....	61
A SITUAÇÃO ATUAL DO ESTADO BRASILEIRO, por ULISSES RAMALHETE MAIA .....	76
A EXPERIÊNCIA DAS SUCESSÕES PRESIDENCIAIS NO BRASIL, I, por SÍLVIO PEIXOTO .....	82
ALGUNS GRANDES ASPECTOS DA PRESIDÊNCIA RODRIGUES ALVES, por José MARIA BELO .....	96
O ESTADO NOVO E SEU SENTIDO BANDEIRANTE, por CASSIANO RICARDO .....	110
O ESTADO NOVO E O HOMEM NOVO, por PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO .....	133
REGIÕES NATURAIS DE CIRCULAÇÃO, por MÁRIO TRAVASSOS .....	139
O SENTIDO SOCIAL DA AMAZÔNIA, por FRANCISCO GALVÃO .....	149
2) <b>O pensamento político do Chefe do Governo</b>	
REALISMO POLÍTICO E DEMOCRACIA, por AZEVEDO AMARAL .....	157
3) <b>A estrutura jurídico-política do Brasil</b>	
A CONSTITUIÇÃO DE 10 DE NOVEMBRO DE 1937: COMENTÁRIOS AO ART. 1.º, por ALOÍSIO MARIA TEIXEIRA .....	177
4) <b>Textos e documentos históricos</b>	
A PRIMEIRA REPÚBLICA, vista por VICENTE LICÍNIO CARDOSO .....	191
A ELEIÇÃO INDIRETA NO BRASIL IMPERIAL; CRÍTICAS AO SUFRÁGIO DIRETO .....	197
A IGUALDADE DE RAÇAS NO BRASIL: SUAS RAÍZES HISTÓRICAS .....	202
5) <b>A atividade governamental</b>	
PANORAMA DA ATIVIDADE GOVERNAMENTAL .....	209
TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO DO DIREITO, por LUIZ ANTÔNIO DA COSTA CARVALHO .....	218
6) <b>Brasil social, intelectual e artístico</b>	
A INFLUÊNCIA POLÍTICA SOBRE A EVOLUÇÃO SOCIAL, INTELECTUAL E ARTÍSTICA DO BRASIL .....	227
A) EVOLUÇÃO SOCIAL .....	230
A ORDEM POLÍTICA E A EVOLUÇÃO SOCIAL, p. 230 — QUADROS E COSTUMES DO CENTRO E DO SUL, por MARQUES RABELO, p. 232 — QUADROS E COSTUMES DO NORDESTE, por GRACILIANO RAMOS, p. 236 — O POVO BRASILEIRO ATRAVÉS DO FOLCLORE, por BASÍLIO DE MAGALHÃES, p. 238 — INTERPRETES DA VIDA SOCIAL BRASILEIRA, p. 242 — PÁGINAS DO PASSADO BRASILEIRO, p. 245.	
B) EVOLUÇÃO INTELECTUAL .....	250
A ORDEM POLÍTICA E A EVOLUÇÃO INTELECTUAL, p. 250 — LITERATURA DE FICÇÃO, por WILSON LOUSADA, p. 252 — LITERATURA DE IDÉIAS, por PEDRO DANTAS, p. 257 — LITERATURA HISTÓRICA, por HÉLIO VIANA, p. 260 — HISTÓRIA LITERÁRIA DO BRASIL, por ROSÁRIO FUSCO, p. 262 — ESTUDOS E PESQUISAS CIENTÍFICAS, por VIEIRA PINTO, p. 265 — EDUCAÇÃO, por F. VENÂNCIO FILHO, p. 268 — MOVIMENTO BIBLIOGRÁFICO, por ANTÔNIO SIMÕES DOS REIS, p. 272.	
C) EVOLUÇÃO ARTÍSTICA .....	277
A ORDEM POLÍTICA E A EVOLUÇÃO ARTÍSTICA, p. 277 — MÚSICA, por LUIZ HEITOR, p. 278 — ARTES PLÁSTICAS, por CARLOS CAVALCANTI, p. 283 — TEATRO, por R. MAGALHÃES JUNIOR, p. 287 — CINEMA, por Lúcio CARDOSO, p. 290 — RADIO, por DÉCIO PACHECO DA SILVEIRA, p. 293.	

Sumário do primeiro número da revista *Cultura Política* (mar. 1941). E indicação da parafernália paratextual que enquadrava a colaboração de Graciliano.

# *A evolução política e social do Brasil*

**A**S instituições sociais e políticas são processos que se desenrolam no tempo, sem saltos e sem paradas.

Não podemos forçar transformações prematuras, nem precipitar acontecimentos que ainda não chegaram à completa maturidade. Por outros termos, o arbítrio humano não pode modificar o que, por qualquer causa, ainda não é socialmente modificável.

Mas também não podemos impedir que as instituições se modifiquem e renovem, quando a sua própria história indica um novo rumo, quando a própria vida impõe novas tendências adaptativas e novas diretrizes para o futuro.

Hoje, parece que vivemos um momento dêsses. O mundo convulso, numa das crises mais tremendas da história, espera por algo de novo, que dê mais humanidade ao Estado, melhor assistência social às populações, maior amparo e dignidade à personalidade humana.

A democracia subsistirá, por certo, aos grandes embates e às grandes provações por que a estão fazendo passar. Porque, na verdade, a democracia encerra todo o sentido social da própria evolução da civilização humana.

Mas a democracia é uma instituição viva e, por isso mesmo, uma instituição que evolue e que acompanha as mutações da vida. A democracia é um ideal de solidariedade humana, de respeito ao trabalho e aos frutos do trabalho, de lealdade e sinceridade na cooperação de todos os homens para o bem comum — sem distinções de privilégios, nem de raças, nem de classes, nem de fortunas.

Primeira página do editorial geral da revista “A Evolução Política e Social do Brasil”, assinado por Almir de Andrade (*Cultura Política*, ano 1, n. 1, mar. 1941, p. 5).

# *Influência política sôbre a evolução social, intelectual e artística do Brasil*

## I

**N**UM dos seus mais notáveis artigos sôbre a abolição da escravatura, atemorizado com a falta de “homogeneidade nacional” de então, Joaquim Nabuco declarava preferir que o Brasil tivesse sido descoberto tresentos ou quatrocentos anos mais tarde.

O que êle chamava “homogeneidade nacional” é o que hoje chamaríamos “conciência”, “espírito nacional”, equilíbrio entre as forças dirigentes e as dirigidas — concientes, umas e outras, das suas responsabilidades, umas e outras integradas no espírito de uma mesma ordem política.

Na verdade, sem êsse ajustamento entre governantes e governados, sem essa adaptação das instituições políticas e sociais ao meio e ao homem que vive nêsse meio — não há ordem que se exerça, nem progresso que se realize.

Os regimes adequados a um meio social determinado, integrados na cultura de um povo devem expressar-se — e se expressam efetivamente, — como um êco de aspirações latentes, vigorosas, profundas do sub-conciente coletivo.

O “consórcio entre o govêrno e o povo”, a que se refere Edgard Quinet — embora utilizando uma imagem puramente literária — não é apenas uma frase de fácil citação: é um símbolo de aplicação razoável e possível. Todas as energias criadoras de um povo — através de sua literatura, de suas artes e ciências — cons-

Editorial da seção “Brasil Social, Intelectual e Artístico”, não assinado, que, segundo Almir de Andrade, seria de autoria de Rosário Fusco (*Cultura Política*, ano 1, n.1, mar. 1941, p. 227).

# a) *Evolução social*

## *A ordem política e a evolução social*

### I

**D**E TAL MODO a política influencia as sociedades, que um regime pôde modificar, realmente, toda a estrutura social de um povo, transformando, completamente, a sua fisionomia coletiva.

A vida social progride ou retrocede em função dos elementos que a política lhe fornece.

Tais elementos podem ser divididos, preliminarmente, de dois modos: no mecanismo da administração pública (pela assistência adequada do poder a cada uma das necessidades populares) e na concessão real daquilo que as leis determinam.

Esses modos, que antigos gregos e romanos sempre tentaram aplicar, são os mesmos que Aristóteles sistematizou, em princípios ou regras de governo, na sua "Política". E resumem-se, afinal de contas, em um único, se atentarmos para o fato de que ambos são fases de uma aspiração comum: isto é, o cumprimento irrestrito das providências do Estado para o bem estar geral.

Porque não basta, evidentemente, que um mecanismo administrativo

A ordem, como condição do progresso, que os nossos maiores sintetizaram como a divisa da nossa vida social, hoje se exerce em todos os setores da atividade como um verdadeiro princípio da nova política do Brasil.

A administração se desenvolve em bases capazes de assegurar a todos um direito igual, permitindo à coletividade um padrão de existência compatível com as suas necessidades.

E as instituições para-estatais, por ela criadas, cumprem a sua vontade pela distribuição real dos benefícios a que os grupos produtores fazem jus.

Assim, abolidos os intermediários entre o governo e o povo, como uma iniciativa pessoal do próprio governo, povo e governo se identificam, se confundem de tal maneira, que a harmonia social se sustém e se apoia — como não poderia deixar de sê-lo, num regime adequado ao meio, como é o nosso — numa colaboração mais estreita entre a ordem política e a ordem social.

Os efeitos dessa colaboração mais in-

Editorial de "Evolução Social", subseção da seção "Brasil Social, Intelectual e Artístico" (*Cultura Política*, ano 1, n. 1, mar. 1941, p. 230).

*A vida social no Brasil:*

*I) - Quadros e costumes do Centro e do Sul*

I

MARQUES REBÊLO

Conhecer o Brasil é também fixar-lhe os costumes, as paisagens, as cenas e quadros típicos do interior, do litoral e das capitais. Tudo isso evolue com as transformações políticas e sociais, prolongando através do tempo a linha mais pura e mais genuinamente brasileira das nossas tradições populares. A alma do povo desponta por detrás dos seus quadros de costumes: vemos, ali, o povo vivendo a sua verdadeira vida de todos os dias, a grande vida humana que as instituições políticas se destinam a interpretar, defender, amparar, estimular e encarnar nas formas e sistemas de governo. Esse grande e verdadeiro povo do Brasil — é que será retratado nestas páginas. Dois dos melhores e mais conhecidos escritores do Brasil de hoje se encarregarão de fixar aqui esses quadros de costumes populares. A parte referente ao Centro e ao Sul do Brasil está confiada a um nome já consagrado pela crítica literária, como contista, cronista e romancista, colaborador de numerosos jornais e revistas da Capital e dos Estados, autor de vários livros publicados (contos, romances e livros de literatura infantil), como “Oscarina” (Contos, Rio, 1931), “Três Caminhos” (Contos, Rio, 1933), “Marafa” (Romance, S. Paulo, 1935), “Vida de Manuel Antônio de Almeida” (Biografia, Rio, 1938, publ. do Ministério da Educação e Saúde), “A Estrela sobre” (Romance, Rio, 1939), “A Casa das Três Rolinhas” (Literatura infantil, Porto Alegre, 1939), “Rua Alegre, 12” (Teatro, São Paulo, 1941). Na sua crônica inaugural, descreve o autor a paisagem e a vida de uma das cidades mais expressivas do interior do Brasil Central — Itajubá (Minas Gerais). É um pequeno pedaço do Brasil que encontraremos nestas páginas. Do Brasil perdido na imensidade de si mesmo, seguindo o ritmo lento de sua história social. É curioso vêr-se, pelas palavras do autor, à certa altura de sua descrição, como a pequena cidade mineira se sentiu, de uma hora para outra, agitada pelo sopro renovador de um Brasil que ressurgia para novos destinos, com a vitória revolucionária de 1930. Moderniza-se Itajubá, civiliza-se com a construção de prédios novos, laboratórios, obras de perfeição técnica, erguidas ali pela energia construtora do Governo. Um novo sopro de vida mais sadia percorre o interior brasileiro. Mas o Brasil é grande, imensamente grande: a rotina continua a espreguiçar-se com lentidão secular, porque os Governos não operam milagres e a vida social brasileira tem que seguir a sua marcha natural. Se a nossa evolução política segue ritmo veloz de decênios, a nossa evolução social terá que seguir, inevitavelmente, um ritmo paciente de séculos. Porque os povos não improvisam os seus sistemas de vida: arrancam-nos de dentro de si mesmos. E se hoje já vamos readquirindo a “posse de nós mesmos”, há que esperar muito deste influxo vitalizador; mas há que esperar com paciência, confiando tanto na obra de tempo.

“A Vida Social no Brasil”.  
Apresentação dos  
“Quadros e Costumes”,  
subseção de “Evolução  
social” e, por sua vez,  
subseção da subseção da  
seção “Brasil Social,  
Intelectual e Artístico”.  
Logo em seguida, traçados  
os objetivos gerais do  
segmento nas onze linhas  
iniciais, o paratexto  
detém-se na introdução  
dos “Quadros e Costumes  
do Centro e do Sul”, de  
Marques Rebelo (*Cultura  
Política*, ano 1, n. 1, mar.  
1941, p. 232).

*A vida social no Brasil:*

## *II) - Quadros e costumes do Nordeste*

I

GRACILIANO RAMOS

*Escritor e romancista consagrado entre os melhores do Brasil de hoje, tendo enriquecido a nossa literatura de ficção com obras fortes e cheias de personalidade, como “São Bernardo”, “Angústia”, “Vidas Secas”, “Caetés”, e com numerosos contos que se publicam incessantemente nos grandes jornais da Capital da República e dos Estados — o autor desta crônica tomou ao seu encargo fixar quadros e costumes da região do Brasil onde nasceu e viveu mais de trinta anos: o Nordeste. Neste número inaugural, êle nos dá um flagrante da grande festa popular — o Carnaval — tal como decorre nas cidadelas do interior nordestino. E’ um pequeno pedaço dêsse Brasil que ainda foge ao ímpeto renovador da civilização litorânea, dêsse Brasil tão diferente e tão grande...*

Paratexto que antecedia imediatamente os “Quadros e Costumes do Nordeste”, de Graciliano Ramos (*Cultura Política*, ano 1, n. 1, mar. 1941, p. 236).

# Análise de casos – Quadros e costumes do Nordeste

## Quadros e costumes do Nordeste

II

GRACILIANO RAMOS

*O sistema eleitoral da Primeira República criou, no interior do Brasil, curiosos tipos de caudilhos. Em torno deles girava a vida estadual e municipal. Todo um grupo de interesses pessoais se organizava em redor dessas figuras, que comandavam os negócios sociais. Cada uma delas podia repetir a frase simbólica de Luiz XIV: "L'Etat c'est moi". E era mesmo. Depois de novembro de 1937, as coisas mudaram de rumo. Essas figuras caíram, se apagaram, se dissolveram na onda revolucionária que introduziu novos costumes e novos métodos de conduzir a vida regional. Em sua crônica de hoje, o autor procura fixar um desses tipos, encarnado na pessoa de uma mulher. Era comum as mulheres manobramem tiranicamente com os negócios do Estado. Elas faziam nomeações, derrubavam prefeitos, elaboravam leis, faziam da administração pública uma continuação do seu "boudoir". O caudilhismo feminino provocava manifestações curiosas, na vida pública do Nordeste Brasileiro. E é a pena segura de um dos maiores romancistas do Brasil de hoje que nos vai pintar, em poucas palavras, esse quadro tão familiar aos que conheceram o Nordeste há alguns anos atrás.*

○ GABINETE de s. excia., como todos os gabinetes de pessoas importantes, estava sempre cheio. Pedidos, choradeiras, desejos de vingança, vaidades, calúnias, reedições vivas de cartas anônimas — um inferno.

O governador aborreceu-se disso, abandonou as audiências e começou a rodar num automovel pelo interior do Estado, ensinando agricultura e zootécnica aos matutos e tentando endireitar os orçamentos municipais. Em cada semana eram dois dias de fuga.

O peor é que nesses dois dias, passava

Ora, das criaturas que aperreavam s. excia., d. Maria Amália era a mais incômoda. No gabinete, no sertão, livre das horas de expediente, no cinema, assistindo a uma cerimônia oficial, respirando poeira em vagão da *Great Western* ou metido num quarto, descansando, fazendo a barba, dormindo, comendo, amando, o governador era atazanado por d. Maria Amália, pelos representantes de d. Maria Amália ou pela recordação de d. Maria Amália.

Senhora terrível, sempre com um inimigo, sempre com um amigo

“O sistema eleitoral da Primeira República criou, no interior do Brasil, curiosos tipos de caudilhos. Cada um deles podia repetir a frase simbólica de Luiz XIV: “L’Etat c’est moi”. E era mesmo. Depois de novembro de 1937, as coisas mudaram de rumo. Essas figuras caíram, se apagaram, se dissolveram na onda revolucionária que introduziu novos costumes e novos métodos de conduzir a vida regional”. (paratexto)

# Análise de casos – Quadros e costumes do Nordeste

## Revista do POVO

cultura e orientação popular

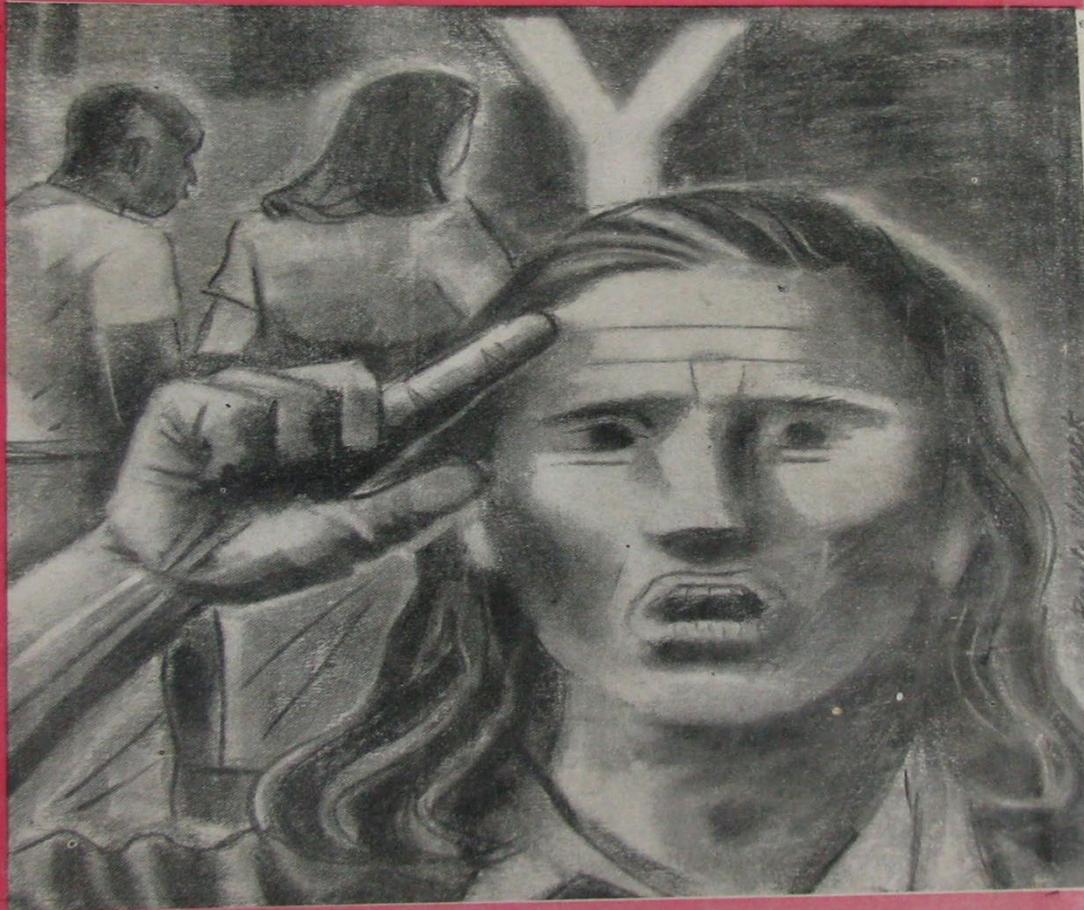


Ilustração de Paulo Werneck

ANO **I**

PREÇO Cr\$ 1,00

N.º **1**

Capa do primeiro número de a *Revista do Povo – Cultura e Organização popular*, publicado em dezembro de 1945. Dirigido por Álvaro Moreyra, entre outros, tal periódico resultou do esforço do PCB em produzir um periódico informativo e ilustrado, de circulação ampla

# Análise de casos – Quadros e costumes do Nordeste

Arquivo "EDGARD LEUENROTH"  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
ELR/89 UNICAMP 01/76 PAG. 3

nº 6

## QUADROS E COSTUMES DO NORDESTE

— “ D. MARIA ” —

GRACILIANO RAMOS



GRACILIANO RAMOS

A mãe de dona Maria perdeu muito cedo o marido, pequeno proprietário sertanejo, e esforçou-se desesperadamente por cultivar a fazenda, impedir que os vizinhos lhe abrissem as cercas e metessem animais na roça. Defendeu-se como pôde, conservou-se viúva e, cabeluda, musculosa, quase transformada em homem, deu uma rija educação masculina à filha única.

D. Maria exercitou-se na equitação e no tiro ao alvo, combinou as letras necessárias para redigir bilhetes curtos, confiou muito na cabeça e nos braços, desenvolveu os pulmões gritando ordens rigorosas à cabroeira que se derreava no eito, arrastando a enxada de três libras. Chegando à fase das vigílias e das olheiras, casou, como era preciso: ligou-se a um ser tranquilo, pouco exigente, de raça branca, está

cios em conformidade com as instruções maternas.

Tudo andou bem. A lavoura prosperou, construíram-se várias casas, levantou-se uma capela — e surgiu na fazenda uma povoação que a digna mulher governou, apesar de não lhe permitirem as leis certos atos. As leis foram cumpridas. D. Maria usava, nas transações em que a sua firma era insuficiente, um pseudônimo. A princípio o marido, vaga criatura resignada e silenciosa, tinha alguns préstimos conjugais. Despojou-se deles. E afinal, encolhido, assinava papéis de longe em longe. Recebia mesada, escondia-se das visitas, encharcava-se de aguardente na venda estabelecida a um canto da casa grande e realizava trabalhos somenos: lavava cavalos, ia buscar o jornal na agência do correio, transmitia recados.

Aos quarenta anos, D. Maria, sacudida pelos ventos, queima-

mem, chale côr de sangue, enorme cigarro de fumo picado, forte. Rodeava-a um magote de protegidos, que ela abonava nas lojas, recomendava ao prefeito, ao chefe político e ao delegado. Não podia votar, mas dispunha de alguns eleitores que a tornavam capaz de obter sentenças favoráveis no juri.

Tinha religião moderada e prática. Ia à igreja pelo Natal e evitava as confissões, mas estava em harmonia com o vigário. Naturalmente. Estava em harmonia com tôdas as autoridades. Mandava rezar novenas na capela do povoado, dedicava a São Sebastião e a outros santos valiosos festas que reuniam habitantes dos arredores. Jogavam bozó e sete e meio, rodavam nos cavalinhos, dansavam, bebiam, compravam fitas e espelhos nos baús de miudezas. Desenvolvia-se o comércio do lugar. E a natalidade aumentava. Aumentava fora das normas e da

“Quadros e Costumes do Nordeste – D. Maria”. *Revista do povo: Cultura e Orientação Popular*, Rio de Janeiro, ano 2, n.6, jul.1946, p.3-4.

## Complemento

### **Dois finais diferentes da crônica Dona Maria Amália:**

E D. Maria Amália crescia.

Hoje é uma senhora bem conservada, respeitável, com excelentes relações.

Algumas pessoas julgaram há tempo que ela iria morrer. Tolice. Morrer tão moça, quando, como diz o poeta, o mundo é um paraíso!

Resistiu a todas as comissões de sindicância e está forte, gorda e bonita.

\* \* \*

E D. Maria Amália subia.

Hoje é uma senhora grisalha, gorda, respeitável, com boas cores, bom estômago, boa memória. E vive descontente.